


*Dossiê “Faculdade de Formação de Professores:
50 anos formando formadores”*

FORMAÇÃO E VIDA ENTRE INVENÇÃO DE SI E DE MUNDOS para
celebrar o cinquentenário da FFP/UERJ

*Formation and life between invention of self and worlds to celebrate FFP/UERJ
the fiftieth anniversary*

*Formación y vida entre la invención del yo y los mundos para celebrar el
cincuentenario aniversario de la FFP/UERJ*

Rosimeri de Oliveira Dias 

Ana Luiza Gonçalves Dias Mello 

Ayama Vera Araujo Prado 

Hágata Cristina Paes Rosa 

RESUMO

Este artigo é escrito para celebrar o cinquentenário da Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Tem o propósito de fazer ver e falar experiências de formação inventiva de professores no encontro estreito entre universidade e escola básica. Utiliza o dispositivo de uma entrevista-conversa tecida entre membras do Grupo de Pesquisas Oficinas de Formação Inventiva de Professores – OFIP/UERJ/CNPq –, que existe desde 2009, na FFP/UERJ, para explicitar experiências de formar tecidas por entre encontros, conversas e problematizações com outros, naquilo que existe de força para pensar de outros modos a ligação estreita entre formação, conhecer e viver.

Palavras-chave: formação inventiva de professores; pesquisa-intervenção; micropolítica; universidade; escola básica.

ABSTRACT

This article is written to celebrate the fiftieth anniversary of São Gonçalo' Teachers' Training College of Rio de Janeiro State University – FFP/UERJ. Its purpose to make us see and talk about experiences of inventive teacher's formation in close encounter between university and basic school. It uses the device of an interview-conversation between members of the Research Group - Workshops for Inventive Teachers' Training - OFIP/UERJ/CNPq, that exists since 2009, at FFP/UERJ, to

explain the experiences of training woven between meetings, conversations and problematizations with others, in what has strength to think, in other ways, the close connection between formation, knowing and living.

Keywords: *inventive teacher training; research-intervention; micropolitics; university; basic school.*

RESUMEN

Este artículo se escribe para celebrar el cincuentenario de la Escuela Normal de São Gonçalo de la Universidad del Estado de Río de Janeiro. Su propósito es mostrar y hablar de experiencias de formación inventiva de profesores en el estrecho encuentro entre la universidad y la escuela básica. Utiliza el dispositivo de una entrevista-conversación tejida entre miembros del Grupo de Investigación Oficinas de Formación Inventiva de Profesores - OFIP/UERJ/CNPq -, que existe desde 2009, en la FFP/UERJ, para explicar experiencias de formación tejidas entre encuentros, conversaciones y problematizaciones con otros, en lo que hay de fuerza para pensar de otras maneras el estrecho vínculo entre formar, conocer y vivir.

Palabras clave: *formación docente inventiva; investigación-intervención; micropolítica; universidad; escuela básica.*

Introdução

Começamos sempre nossa vida num crepúsculo admirável. Tudo aquilo que mais tarde nos ajudará a nos livrar das decepções se reúne em volta de nossos primeiros passos (CHAR, 1995, p. 85)

Escrever um artigo para celebrar o cinquentenário da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – FFP/UERJ – é um desafio ético, estético e político (GUATTARI, 2006). Em especial, porque celebrar a instituição que forma em periferia urbana é algo da ordem de uma alegria implicada nos modos de formar que perspectivam invenção de si e de mundo. Há histórias no plural nesta travessia. Optamos por partilhar uma delas, tecida entre universidade e escola básica na liga entre conhecer-viver-ser-fazer.

Tal prática circula pelos territórios da universidade desde 1998, por uma de nós como professora contratada e efetivada em 2002, fazendo deste território uma possibilidade de coragem e luta para produzir práticas micropolíticas (DIAS, 2011). A micropolítica é uma experimentação ativa tecida no agenciamento direto entre e com estudantes e professores para forjar uma formação inventiva de professores (DIAS, 2012). Um modo de formar que possui o princípio de problematizar gestos consensuais de funcionar nos territórios escolares. Como

afirmado em trabalhos anteriores (DIAS, 2014), é um modo de formar professores que se afirma como produção de subjetividades.

Neste sentido, ético-estético-político (GUATTARI, 2006), o propósito deste artigo é o de dar a ver e a falar experiências de formação inventiva de professores no encontro estreito entre universidade e escola básica. Com que dispositivos? Para forçar o pensamento a pensar e encontrar caminhos, este artigo ganha um formato de entrevista-conversa tecida entre membras do Grupo de Pesquisas Oficinas de Formação Inventiva de Professores – OFIP/CNPq – que existe desde 2009, na FFP/UERJ, para explicitar o que estamos fazendo de nós mesmos nos territórios de formar professores.

Por que escolhemos este dispositivo, entrevista-conversa, para fazer ver e falar uma formação inventiva de professores e seus modos de trabalhar na FFP/UERJ? Talvez porque estamos sempre tentando aprender um pouco mais a coletivizar processos e, assim como Pelmutter (2022, p. 149) nos mostra, “praticamente todas as pessoas com quem teve privilégio de conversar enriqueceram sua experiência e o surpreenderam, em alguma medida”. Na composição em explicitar conversas como uma escuta absoluta, Pelmutter acrescenta que “tudo o que existe no mundo deveria, de algum modo, ser observado e reverenciado”. Dito isto, nos mostra a necessidade de modular a “expectativa prévia” em relação aos entrevistados, desenvolvendo um compromisso profundo com o presente e a presença na interlocução com os seus entrevistados.

Qual seria, então, este momento presente que proporcionaria o encontro entre professoras e estudantes da FFP/UERJ, da Rede Pública Municipal de São Gonçalo egressas da FFP/UERJ? Como poder entrevistar e conversar com uma expectativa frouxa (MELLO et al, 2018) para explicitar a dimensão acontecimental de uma formação inventiva? Um artigo feito com alegria, como as forças daquilo que fazemos no encontro entre escola e universidade para praticar formação inventiva. Exercício contra hegemônico de realizar encontros e conversas para viver uma experiência de problematização com outros, naquilo que existe de força para pensar de outros modos a ligação estreita entre formação e vida.

Com este compromisso de entrevistar conversando, escutamo-nos para fazer ver e falar alguns dos trabalhos que temos realizado na FFP/UERJ e, com eles, celebrar o cinquentenário desta instituição. Na alegria de celebrar temos a companhia de muitos, mas é com Blanchot (2011) que iniciamos este gesto de celebrar pela abertura, quando pergunta o poeta se somos nós, enfim, seres que se abrem para acolher? Para celebrar há uma longa e paciente experiência que explicita indeterminações do ser, seus pontos de intersecções infinitas, lugar

aberto e como que nulo onde se cruzam estranhezas na tensão de um começo finito. Por isso, celebra:

Oh, diz-me, poeta, o que tu fazes. – Eu celebro.
Mas o mortal e o monstruoso,
como o suportas e o acolhes? – Eu celebro.
Mas o sem nome, o anônimo,
como, poeta, o invocas, porém? – Eu celebro.
Onde adquires o direito de ser verdadeiro
em todas as roupagens, sob todas as máscaras? – Eu celebro.
E como o silêncio te conhece, e o furor,
assim como a estrela e a tempestade? – Porque celebro.
(BLANCHOT, 2011, p. 174)

Ao celebrar a FFP, abrimos espaço tempo de problematização e de crítica com o que estamos fazendo de nós mesmos na formação, reconhecendo-a como uma possibilidade, em movimento, de aproximação da abertura, do enlace e da vibração que se constitui como dispositivo concreto de fazer ver e falar práticas de abertura para invenção de si e de mundos. A questão principal, então, deste artigo é a de restituir, por meio de uma conversa-entrevista, uma experiência com formação na FFP há mais de 15 anos.

O problema da restituição (LOURAU, 1993) é uma discussão muito importante na formação inventiva de professores como empreendimento político, micropolítico e coletivo. Entretanto, antes de nos perguntarmos o que fazemos com formação, deveríamos indagar: para que a fazemos? Nossa impressão é a de que a forjamos, antes de mais nada, para nós mesmas, impulsionadas pelo desejo de aprender mais um pouco e de tentar fazer com que estudantes e professores saibam que são mais livres do que pensam ser.

Fazê-la para nós mesmas pode também criar um sentido de ocupação de uma carreira – e nisso não há nenhum problema, contanto que tenhamos no corpo a proposta de afrouxar expectativas, prevalecendo a necessidade de aprender. Na formação inventiva, especificamente, a necessidade de aprender muitas vezes tem transcendido a paixão intelectual de acadêmicos, para incluir um senso de implicação – desnaturalização de processos – de que formandos são agentes atuantes e corresponsáveis.

Como nos diz Portelli (1997, p.30), “muitos de nós são motivados, ainda, por algo mais amplo do que nós mesmos: por uma comunidade, uma instituição, um movimento, um lugar.” E é neste ponto que entra o sentido de restituição: “recebemos tanto de pessoas e comunidades que não sentiremos o nosso trabalho concluído”. Desafio colocado, restituímos uma experiência na FFP/UERJ, a fim de levá-la para fora, em aberto, para que suas práticas expandam, implicadas menos de identidades e mais de memórias da diferença.

Trata-se de uma memória como alternativa, que acompanha as mudanças, pois temos nos recusado ao trabalho predefinido do formar, para deslocar e afirmar um trabalho na docência com o transformar, como você verá a seguir em nossa conversa-entrevista, realizada entre quatro membras do grupo de pesquisas Ofip, com algumas notas conceituais e, para terminar, palavras para além da entrevista... à espera de um exercício em igualdade.

Entrevista-conversa

Hágata - *Como a ideia base desta entrevista-conversa é praticar o que realizamos na Ofip, quero perguntar como surgiu a formação inventiva? E o projeto?*

Rosimeri - Eu sou também egressa da Uerj. Me formei em pedagogia pela Uerj Maracanã em 1990. Trabalhei bastante tempo com educação especial, com teorias de inteligência, até o meu concurso, no final de 2001. Então, há mais de 21 anos, eu me tornei professora da FFP, no departamento de Educação, para ministrar a disciplina de Psicologia da Educação. Na época eu era uma cognitivista. Em 2002, comecei a estudar as políticas de cognição e por ali, entrei em contato com a Virgínia Kastrup, da UFRJ, com ela aprendi que existem muitas psicologias na psicologia. Sob orientação dela, escrevi a tese de doutorado intitulada: *Deslocamentos na Formação de Professores: Aprendizagem de Adultos, Experiências e Políticas de Cognição*, justamente para mostrar que há uma interface entre os processos de constituição da existência com o campo da formação de professores. A tese aborda a questão da formação a partir dos deslocamentos e das políticas de cognição, com a perspectiva de descentralizar a hegemonia do esquema de totalização da informação, para pensar políticas, no plural, como invenção de si e de mundos¹.

Com a tese me dou conta de que a palavra invenção não existe numa perspectiva de “tem invenção, não tem intenção” não é *ex nihilo*, ela se constitui implicada na processualidade da vida. Então, para acontecer o trabalho com a invenção há que se mergulhar na experiência - outro conceito fundamental para a formação inventiva. Mergulhamos na experiência, acompanhamos processos para fazer emergir o que há. E poder, assim, constituir uma singularidade. A palavra experiência é muito cara para a pesquisa, porque problematizamos seus usos habituais, de somatório, de acúmulo, de excesso. Por exemplo: “Eu tenho 30 anos de experiência na docência”. Para a formação inventiva, diferimos destes

1 Para Kastrup (1999), pensar com tal perspectiva significa dizer que os processos cognitivos não são apenas solução de problemas, mas incluem a invenção de problemas, a experiência de problematização.

usos e a pensamos como algo de que saímos transformados, como aprendemos com Foucault.

Eu comecei a ler esses conceitos e a pensar em como poderia fazê-los deslocar para a formação de professores. A saída que encontrei foi com o dispositivo estético das oficinas de formação inventiva de professores (Ofip). Com ele, pude juntar ciência cognitiva, filosofia da diferença, produção de subjetividade, estética da existência e arte. Em 2009, começo a fazer a Ofip para ligar o tema da invenção ao campo da formação de professores, porque ela estritamente envolve vetores sociais, históricos, políticos, filosóficos, psicológicos, artísticos e culturais.

A arte atravessa todo o nosso trabalho, a arte no sentido deleuziano, como um plano de afecção, como uma pedra de toque, em que se pode compartilhar experiências. E nessa dimensão de viver uma experiência há algo que aprendemos: a necessidade de acontecimentalizar os caminhos, que só é possível porque estamos junto com outros, habitamos um território e partilhamos do presente, ao mesmo tempo em que nos posicionamos no presente. E por isso, por estar ali acompanhando os processos, é que fazemos encontros, conversas, escutas, práticas *com*, tal como nesta conversa entrevista.

Desde então, com esta ideia, temos realizado uma série de projetos com apoios da FAPERJ, CNPq e CAPES. Não vou detalhá-los para não me alongar demais. O bom destes editais é a possibilidade de materializar experiências com duas escolas parceiras Colégio Estadual Conselheiro Macedo Soares e CIEP Municipalizado 411 Dr. Armando Leão Ferreira.

E lá, no Macedo Soares, conseguimos realizar o que eu queria fazer com o projeto junto *com* escolas: produzir encontros, conversas e estudar. Porque há algo fundamental nas práticas de estudo que se acoplam às práticas de transformação de si, de produção de subjetividade, dando uma palavra mais conceitual para isso que a gente está chamando de transformação de si. A Ofip emerge desse trabalho transdisciplinar para poder colocar atenção naquilo que acontece no encontro entre professores e estudantes. Porque, hegemonicamente, o campo da educação é pautado por um processo de transmissão de informação e aí, com tais práticas, em companhia dos que habitam a escola, fui aprendendo outros modos de fazer formação, que nos posicionam num lugar de problematização. Tanto que eu digo e já escrevi em vários textos, o princípio de uma formação inventiva de professores é ampliar o grau de suportabilidade para viver uma experiência de problematização, viver uma experiência de invenção de si e do mundo. Um desafio para todos nós que vivemos desde muito miúdos dentro da escola. Poder problematizar

e se deslocar na própria formação entre informação e conhecimento, entre aquisição e invenção. E isto é um exercício, não se ensina, então crio um espaço tempo de encontros, conversas e estudos.

Hágata – *E como o projeto foi parar no CIEP 411?*

Rosimeri - A Ofip chega no CIEP por meio do encontro com Ana Luiza, juntas escrevemos um projeto para um edital de apoio à escola pública, em 2014². Como disse, esses editais são fundamentais, porque com eles materializamos condições de trabalhos, com bolsas de estudo para professores das escolas parceiras, para estudantes da escola e da universidade. Esses estudantes vão constituir as suas práticas *in loco*, acho que isso também é algo muito caro, e eu penso que a Ofip tem conseguido manter esses projetos durante bastante tempo. Isso faz com que seja possível pensar práticas oficinas. Ana, fale um pouco mais desde este lugar que eu gosto muito.

Ana Luiza - Como o projeto da Ofip foi para o CIEP? Bom, eu sou uma veterinária que me tornei professora de Ciências um pouco de repente, quando comecei a dar aula no CIEP no final de 2011 e me apaixonei por este espaço, pela sala de aula. Eu sempre fui muito encantada pelos animais não humanos e ao habitar a escola, senti que as crianças eram muito parecidas com eles em muitos sentidos, principalmente na sua presença, no permanecer no agora, na sua abertura para experiência. Essa abertura, essa coisa do agora, é algo que sempre foi muito caro para mim, assim como para nossa pesquisa, e foi o que me fez me aproximar dela.

O CIEP 411 é um lugar incrível, ele fica dentro de um último remanescente florestal urbano da cidade de São Gonçalo, uma área verde que seria transformada num lixão, mas, pela mobilização dos moradores locais, se tornou uma área de proteção ambiental. No ano seguinte ao que comecei a trabalhar lá, fui fazer uma especialização na FFP e conheci a Rosi, que já trabalhava com pessoas muito importantes para mim. Assim conheci a pesquisa intervenção³, a cartografia e esse modo de pesquisar que trabalha com a formação inventiva e tudo aquilo fez muito sentido para mim.

² Para maiores detalhes, ver Mello e Dias (2020; 2022).

³ A pesquisa-intervenção, busca se deslocar de lógicas de dualidade hierarquizantes (ensinar ou aprender), na objetividade (formal ou informal) e na linearidade (causa-efeito), para pensar em práticas conectivas de um comum entre ensinar e aprender, da atitude de problematização que favorecem encontros entre saberes, coletivos e escritas de seus eixos de análise.

Nessa ocasião, em 2012, eu e a Rosi começamos a conversar bastante e a pensar em ampliar a Ofip também pro CIEP. Aí, em 2013, escrevemos um projeto para Faperj⁴, e com ele a gente montou uma sala de pesquisa lá na escola - *a salinha da Uerj* - que existe até hoje. Ao mesmo tempo, o Projeto de Iniciação à Docência – Pibid/Capes - que já acontecia no Macedo, passou, também a acontecer no CIEP. De 2014 a 2018, contávamos com 18 bolsistas (graduandas de Pedagogia) e 3 professoras supervisoras, eu era uma delas. Foi um movimento muito grande no CIEP, pois é uma escola que fica numa área de difícil acesso, no alto de um morro, carente de muitas coisas, sem condução na porta. Por isso não existiam muitos projetos ou coisas externas naquela escola. De repente, naquele ano, a gente recebe um montão de estudantes de graduação, professoras da universidade, equipamentos e muitas ideias. E aí?! Como não criar um monte de expectativas? Como não idealizar as coisas que esse projeto poderia fazer pela escola e o que a gente poderia fazer e acontecer?

Acho que esse foi um dos nossos primeiros grandes desafios. Deixar as nossas expectativas mais frouxas, como a gente gosta de dizer. Porque é impossível se livrar completamente delas, mas vale tentarmos afrouxá-las para a gente não cair numa idealização ou num projeto que trabalha para produzir alguma coisa definida previamente, que não dá importância ao processo, mas à busca de algum tipo de produto ou resultado. Então, nessa produção com o CIEP, a gente foi tateando, conversando com as crianças e adolescentes, vendo quais eram os interesses, tanto deles quanto das bolsistas e aí os projetos foram se constituindo. Eu, por exemplo, dou aula de ciências e amo plantar e a gente tem um espaço de horta enorme na escola, cheio de canteiros, que estava meio abandonado, daí uma das primeiras ideias que surgiram na minha mente foi pensar uma oficina naquela horta. Onde a gente pudesse ter experiências com a terra e as outras espécies, aprender a cultivar... E, afirmando as nossas apostas no campo da invenção, o que aconteceu não foi nada perto do que a gente idealizou.

Uma horta é uma coisa bastante complexa. Para quem não tem essa vivência no cotidiano, pode imaginar que você planta, vai lá molhar, colhe e leva embora. Mas não é bem assim, é preciso muito trabalho, diário e constante. Nas oficinas na horta, as crianças pisavam nos canteiros, se molhavam completamente até a cueca, enfiavam pimenta nos olhos dos outros, se machucavam... Se a gente ficasse três, quatro dias sem ir à horta, as mudas morriam, o sol esturricava tudo. Tinham formigas, o solo

4 “Uma aposta ética, estética e política para expandir territórios de pensamento entre universidade e escola básica”.

precisando de cuidados... Mas naquele espaço, produzimos muitos encontros interessantes, com muita troca de saberes. Então, a horta é um bom exemplo de como as coisas podem fugir completamente do que a gente imagina e ainda assim produzir muita experiência. Como a Rosi falou, experiência é aquilo que passa pela gente e nos modifica, nos toca, nos move e aconteceram experiências muito bacanas ali naquele ambiente, de alegria, de risadas, de conversa, de atenção, de cuidado, de reparar um animal, o crescimento de uma planta, seus usos medicinais e culinários...

Rosimeri - Ana, é interessante o que você traz porque você está dando materialidade aos projetos. Quando a universidade chega na escola, ela vai pensar *com*, pensar *com* os estudantes, *com* as bolsistas e *com* as professoras e assim vai produzindo as oficinas. E muitos dos projetos que a Ofip tocou lá com o CIEP viraram monografias, dissertações e teses. E a Ayama⁵ que está aqui nesta conversa foi bolsista de uma oficina que virou monografia. Como as oficinas eram montadas e desmontadas? Quais permanecem até hoje?

Ana Luiza - Como você falou, várias oficinas viraram monografias, artigos... A gente tinha oficina com dança, fotografia, contação de histórias, jornal, banda, horta. A oficina da banda que foi uma das mais populares no CIEP (muitos queriam participar, tirar da banda era usado como ameaça pela direção e durante anos as crianças perguntavam quando a banda iria voltar), mas vou deixar a Ayama contar. Só vou colocar aqui, um contexto inicial. Antigamente a escola tinha uma banda. O maestro era um pastor, um homem muito sério e rigoroso, eles tocavam marchando, mas, mesmo assim, as crianças gostavam muito daquele encontro, do contato com os instrumentos, com a música. Até que esse maestro saiu da escola e a banda acabou. Quando, em 2014, a gente recebe as bolsistas, uma delas é a Ayama, percussionista que trabalhava com música fazia um tempão. Aí ela retoma a banda, de um jeito totalmente diferente. Ayama, acho que vale você contar um pouco mais dessa história da gente.

Ayama - Vocês estão falando e eu estou lembrando da época da entrada na Ofip. Eu estava no final do curso, com poucas matérias pendentes e procurando sentido para as pesquisas que eu havia desenvolvido até aquele momento. Nas buscas de novas possíveis orientações, eu ouvia falar da Ofip, que era composta por pessoas legais, mas, diziam, tinha uma carga de leitura muito grande, com textos

5 Ver Prado (2015).

diferentes daqueles que nós – estudantes de pedagogia - estávamos acostumados. Precisei trancar a faculdade por conta do trabalho com a música e, por sorte, regressei em 2014, no momento de seleção de novos bolsistas da Ofip. Como havia escutado, realmente eram muitos textos para a prova de seleção da bolsa, mas, ao contrário do que eu imaginava, os textos eram deliciosos e eu fiquei surpresa ao me perceber gostando de ler aquelas coisas todas. Fiquei apaixonada, querendo mais, porque aquelas ideias faziam muito sentido com a nossa vida.

Quando eu cheguei no CIEP 411 pela Ofip, me vi entrando naquela escola mágica, com aquele quintal enorme, gramado, cachorros, plantas, árvores, mangueiras, tudo a ver com a minha vida - de uma pessoa que sempre morou mais afastada da cidade. Então é muito bonito pensar nesse momento da vida, esse acontecimento, ali com as crianças, com aquela escola e com a ideia de desenvolver oficinas com Arte Ambiente Alteridade, que era o nome do nosso coletivo. Como a Ana contou, a escola tinha um monte de instrumentos num almoxarifado e muitas crianças querendo tocar. E eu, chegando naquele grupo, querendo estudar e aprender com aquelas crianças. Foi assim que a gente começou a tocar a oficina da banda.

Eu lembro que aquelas crianças eram muito diferentes das que eu tinha convivido até então. Elas me ensinaram demais, elas foram as regentes daquela oficina. Eram crianças muito decididas e que se posicionavam com facilidade. Desde o primeiro encontro, algumas me procuraram e me adicionaram no Facebook (naquela época, essa relação entre professor x aluno nas redes sociais ainda não era tão comum e me causou espanto). Elas me enviavam mensagens e apontavam o que queriam fazer, as músicas que queriam tocar, avisavam sobre o dia das aulas. Aquelas crianças tinham uma série de atitudes que eu, por exemplo, ainda não ousava ter na relação com os meus professores no decorrer da minha vida.

Tem uma cena muito marcante, quando uma criança de 8 anos chegou perto de mim, comunicando em voz alta no meio dos outros alunos: “Tia, nós aqui conversamos e quando a escola não tiver merenda, a gente não vai embora. A gente decidiu que vai ficar aqui passando fome para fazer o ensaio da banda. Quando isso acontecer, você não precisa cancelar a aula.” e eu respondi – “Tá bem, pode deixar”. Eu lembro que eu respondi sem saber se aquilo seria permitido e depois fui conversar com a supervisão.

No nosso primeiro encontro nos sentamos no chão, em roda e eu fui anotando o que eles sabiam tocar e/ou queriam aprender. Fui anotando o

que eu conhecia e o que estaria no meu alcance de tocar ou não. Ainda não sabíamos em qual espaço poderíamos ensaiar, quantas crianças iriam participar e nem como iríamos nos organizar. Eu falei o que pensava, quais instrumentos eu podia levar, quais gostava mais de tocar e de escutar. Fizemos um acordo para juntar as propostas das crianças com as minhas sugestões.

Rosimeri - Ayama, tem uma questão bacana que você traz: sobre a autogestão⁶ na formação inventiva. Esse conceito caro que você desenvolve, no qual você vem trabalhando e que ganha corpo no encontro com as crianças para a produção da oficina da banda. Poderia falar um pouquinho, de como é que a gente coletiviza processos. Lembrar desses primeiros acordos, porque esse movimento é o que dá espaço para que a banda aconteça autogestionariamente.

Ayama – Sim. É bom falar da organização da banda e é importante lembrar dos suportes, das bases que dão espaço para que ela aconteça dessa forma autogestionária. No caso, é essa estrutura do projeto da Ofip, essa escolha ética, estética, política de habitar a formação. Por exemplo, eu lembro quando fizemos uma reunião na semana em que o CIEP entraria em greve para pensar: como habitar a escola e a formação com a rede de educação sem aulas? Acho importante lembrar e registrar que um grupo que aposta nessa coletivização dos processos, que está ali pensando o presente, esse grupo continua o trabalho coletivamente, mesmo quando tudo o que estava previsto no calendário se apresenta fora do planejado. Porque, como a Ana falou, a gente sempre cria várias expectativas, pensa coisas mirabolantes para fazer, mas quando a gente encontra com os outros, quando a gente entra no território que a gente vai habitar, aí acontece uma outra história. E é preciso estar aberto para que essa outra história possa acontecer.

Então, voltando a falar dos caminhos que a gente inventou com aquela banda, com as crianças do CIEP, com as condições daquele lugar, com as coisas que a gente estuda no grupo. Eu acredito na autogestão como o caminho possível, o caminho que faz sentido com tudo aquilo que a gente se propôs no decorrer daquele processo. Nesses processos com a autogestão, a gente vai percebendo juntos o que é essa gestão coletivizante que foge das receitas. A gente vai tateando o como fazê-la, pontilhando como ela se desenha. Então é isso, eu estava ali com aquelas

6 A autogestão implica a abolição do lugar do mestre, para que os grupos possam gestar suas regras de funcionamento. Lourau (1993, p.22) aponta as dificuldades de tal proposta, uma vez que toda vida cotidiana se passaria no terreno da heterogestão: "vivemos na heterogestão, o que nos aliena, nos priva de nossa autonomia, de nossa liberdade". Como ele também nos diz, a autogestão está sempre em constituição.

crianças, com amigas e pessoas muito queridas, fazendo parte do projeto e tendo disponível, espaço e suporte para poder inventar, coletivamente, caminhos, entradas e saídas.

Inventar, pensar em quais instrumentos usar, quais arranjos musicais a gente podia fazer. Eu inicialmente pensei a oficina com uma proposta pedagógica e uma estética musical. Uma estética que tinha aprendido com os blocos de percussão do carnaval de rua do Rio de Janeiro, dos quais eu fazia parte e tinha uma trajetória formativa. Em especial, o Rio Maracatu, no qual tocávamos ritmos das nações de maracatu do Recife e também fazíamos arranjos com ritmos como ijexá, coco, samba, funk etc, tomando a conversação entre o toque dos tambores como movimento fundamental. Quando cheguei à escola, algumas crianças me disseram que queriam tocar a escaleta (aquele tecladinho de assoprar), porque já tocavam na banda anterior, então, eu que nem toco escaleta, fui correr atrás de exercitar. Trouxe essa linguagem rítmica dos tambores, sendo que as crianças faziam questão do teclado que estudaram anteriormente com o maestro. Quando começamos a tocar o ijexá, por exemplo, as crianças se entenderam tocando macumba. Na fala e reação delas: “tia, isso é macumba!”, e íamos problematizando.

Então foi assim, nesses encontros do cotidiano, que se apresentaram as pérolas da história da oficina da banda, que pra mim era a *devir oficina musical*. Nem uma banda, nem um bloco, mas um lugar de troca tendo o encontro com os instrumentos e com os ritmos e melodias como motivação. Essa experiência se tornou uma monografia. Porque esses conceitos de devir e de oficina são muito ricos para esse coletivo e nos dão pistas daquilo que a gente fazia ali, seguindo com as expectativas frouxas e criando caminhos artísticos.

Ana Luiza – E como foi importante, Ayama, esse movimento de tentar não ceder às expectativas que existiam em todas as oficinas. Não só as nossas, mas as expectativas da escola, das crianças, da comunidade. Por exemplo, da banda se esperava uma apresentação, todo mundo (professores, coordenadores, equipe diretiva) queria saber quando a banda ia se apresentar, se ia participar de tal evento, de tal desfile... Ainda não, a gente respondia. Porque, na verdade, a gente não estava ali ensaiando com objetivo de chegar a um formato de apresentação. Não estávamos buscando deixar todo mundo tocando de modo homogêneo para formar um “produto apresentável”. Na verdade, era muito mais que isso, eu lembro de quantas vezes a gente parou a oficina para conversar sobre o estranhamento dessa comunidade (muito evangélica) com relação aos ritmos trabalhados, como o maracatu e o coco, falar de onde

eles vinham, conversar das histórias da música no Brasil. E depois de cada primeiro estranhamento, quanto de efeito isso teve. Essas trocas foram muito mais significativas do que se talvez estivéssemos preocupadas com uma apresentação em um evento em especial. Apresentações são legais, a gente até fez uma na escola, porém exigem empenho e pode ser muito mais legal essa liberdade de trocar, de experimentar (os instrumentos circulavam entre eles, assim como os ritmos). Até porque só tinha ensaio uma vez por semana e com todos esses atravessamentos, como a falta de merenda, e ainda assim a gente conseguiu produzir encontros potentes, pois não estavam atrelados à lógica de que a gente tinha como objetivo principal tocar certinho para se apresentar no final do ano. O mesmo acontecia em relação à horta, as pessoas de maneira geral esperavam que na oficina da horta nós colhêssemos muitos vegetais - alfaces para o almoço (risos). E aí, se a gente ficasse totalmente empenhado em conseguir plantar e colher as alfaces, a gente não iria ter tempo para conversar, não iríamos nem ter conseguido criar esses espaços de encontro.

Mas aí, eu aproveito para puxar a Hágata para a conversa, porque nessa época ela estava no CIEP como aluna e, atualmente, ela está na escola como estudante de pedagogia, bolsista de uma nova versão do projeto da Ofip. *Hágata, como é a sua história com as oficinas no CIEP?*

Hágata - Naquela época eu não podia participar muito das oficinas da Ofip porque eu sempre tinha muitas tarefas para resolver em casa depois da escola, então eu não conseguia prestar muita atenção no que estava acontecendo porque eu saía da aula correndo para casa. Mas eu conhecia várias pessoas que participavam e que produziam o jornal, uma delas é a minha prima Evelin, que falava muita coisa.

Aí, agora, quando volto pra cá, pro CIEP, foi bem estranho para mim. Foi uma aula que me fez voltar pra cá, uma aula com a Rosi, na primeira semana na Uerj. A gente estava se apresentando, todo mundo da sala se apresentou e Rosi começou a falar um pouquinho da trajetória dela e começou a mencionar a Ana Luiza e eu, toda tímida que sou (nem tinha me apresentado) estava impulsionada a levantar a mão. Aí a Rosi falou da escola onde aconteciam as oficinas da Ofip, o CIEP 411, aí eu levantei a mão e falei: eu conheço a Ana Luiza. Depois mandei uma mensagem pra Ana no Facebook, perguntando se era ela mesma. Meu primeiro contato com a Ofip foi esse. O que me fez levantar a mão na aula da Rosi no primeiro dia de aula na Universidade eu nem sei. Aí, nós fomos conversando e eu comecei a ficar empolgada. Até que eu fui falando com a Ana, que se tivesse alguma oportunidade de uma vaga no projeto da

Ofip para mim, pra ela me falar, porque eu queria muito entrar, queria sair de onde eu estava trabalhando e me dedicar mais aos estudos.

Até que um dia a Ana me mandou uma mensagem falando que abriu uma vaga para a bolsa e que a Rosi tinha perguntado se eu tinha interesse. E eu disse: - com certeza! Topei na hora.

E o dia que eu fui visitar o CIEP, voltar lá só que agora como bolsista, foi tão bom! Nesse dia fui de carona com a Rosi. Quando eu cheguei lá, minha visão já tinha mudado tanto. Eu já não era mais a mesma. Eu olhei tudo. Nossa! Eu não tô mais aqui como uma aluna da escola. Eu estou aqui como bolsista de uma faculdade! Eu não me imaginava numa faculdade, quem dirá como bolsista. Aí, chegando lá, meus olhinhos já brilhavam, já olhei diferente para cada detalhe da escola. Encontrei com o pessoal que trabalhava lá e que começou a me abraçar porque estavam recebendo a notícia de que agora eu estava ali como bolsista universitária. Estavam comemorando comigo. Foi aquela alegria!

Na minha primeira reunião, eu conheci as meninas que estavam lá – Ana Clara e a Tainá - e a gente foi conversando. E, assim, eu poderia dizer que eu estava meia “avoadinha” ali porque era um *mix* de emoções, eu estava pensando muitas coisas, estava acontecendo muita coisa comigo. Tipo assim: Nossa! Eu tô aqui, sentada numa reunião. Tipo agora também, eu estou numa reunião aqui com vocês. Como assim? Eu tô numa reunião?!

Eu já saí de lá toda animada falando pra minha mãe, que eu faço parte de uma bolsa, que agora eu tenho que ir toda semana no CIEP, ela se orgulhando de mim, toda boba porque sou uma das primeiras da família a entrar numa faculdade. Aí aquela comemoração toda e fomos indo. E quando eu encontrei com os alunos que já me conheciam?! Nossa! Vinham me abraçar falando: - Você agora está na Uerj também!! Também é tia da salinha?! Eu respondia: “agora eu sou”. Algumas crianças já me conheciam de quando estudei lá e essas estavam com o tamanho diferente, todas crescidas, adolescentes! Aí, elas vinham contar várias novidades, porque elas tinham uma certa intimidade ou afinidade. Elas chegavam me puxando, contando fofocas. E eu pensava: “meu Deus, que maneiro!”

E no primeiro encontro que eu fui, a gente leu o livro do Tosco⁷ e a reunião foi muito legal. Porque as crianças se “identificavam” com a história, não é essa a palavra correta, mas muitas começaram a conversar e debater

7 MATTJE, Gilberto. Tosco. Editora Alvorada, 2009.

sobre os conflitos na escola, em casa, no bairro. Isso foi bem legal. Mas um dos momentos mais marcantes para mim, foi quando a gente teve o nosso XIII *Encontro e Conversa sobre formação inventiva de professores* lá no Ciep. Foi todo mundo para o auditório e a gente foi apresentar o projeto e o jornal. Aquele dia me marcou porque eu me vi sentada naquela mesa, olhando para aquele público, dentre eles, meu irmão e a Solange. Solange é a secretária que participou de uma parte importante da minha vida, quando eu fui me matricular lá na escola, ela me ajudou quando eu precisei de alguns documentos, me ajudou com todas aquelas burocracias e tal. Eu comecei a chorar. Por quê? Eu não saberia dizer o porquê naquela hora. Mas foi um misto de emoções e de sentimentos. Eu não conseguia nem falar direito, eu não conseguia parar de chorar. Mas foi muito bom, está sendo transformador, mudando a minha visão sobre a escola. Nas nossas reuniões, a gente conversa sobre coisas que antes passavam despercebidas pra mim. Mas agora eu presto mais atenção e me faço mais presente.

Teve um dia também, que eu esqueci de mencionar aqui. Um dia que eu estava mal e eu não queria ir para a reunião, então eu mandei uma mensagem para Ana perguntando se eu podia ficar em casa. Ela respondeu dizendo que não tinha problema, mas falou que talvez fosse bom eu ir e ficar no presente, ao invés de ficar me preocupando com o que estava acontecendo. Tipo assim, fica no agora... Então eu resolvi ir à reunião e chegando lá eu até esqueci dos meus problemas. Comecei a conversar com a galera, a gente foi se divertindo, rindo... Então, tipo, eu entendi a mensagem do ficar no agora, no que acontece no presente. E isso foi marcante. Eu gostei bastante.

Rosimeri - Hágata tem coisas que quero comentar. A primeira é que me sinto mais carona sua. Você lembra que você me mostrou um novo caminho? A segunda é que você diz assim: “eu vou usar uma palavra, mas essa palavra não é a palavra certa”. Você diz isso sobre a palavra identificar, porque realmente não é identificar, e sim implicar. Porque os processos de implicação⁸, eles têm um movimento de desnaturalizar. Assim como esse movimento que você faz, quando mesmo com a chateação dos seus problemas, você saiu para a reunião e se posicionou no presente, se disponibilizou para experienciar o encontro com a escola. Desse modo, a vida ganha um outro contorno, implicada com o que há. Com os espaços, com as relações, com as tessituras e não com a ordem

8 Para Lourau (1993) a análise de implicações tem sido o escândalo da Análise Institucional por seu caráter desestabilizador e desnaturalizador de lugares confortáveis e acriticamente ocupados, de verdades instituídas e aceitas como universais e absolutas, nos jogando no turbilhão das problematizações.

do lamento, com um certo *ensimesmamento* e é por esse motivo que não se identifica. Ao invés de identificar algo ou alguém, você se implica com os movimentos, com os processos, com aquilo que acontece, para lutar contra alguns universais e algumas representações que estão em nós.

Outra questão em que sua fala é muito bacana, e me anima muito a seguir tocando os trabalhos, é a parte do choro, porque também é preciso dizer que você, mesmo chorando, falou e, na sua fala, você movimentou um auditório, que estava cheio de jovens, de crianças, de professores - da escola, da universidade, de outras escolas. Não foi o choro que movimentou o auditório, foi a sua fala. Eu estava lá!

Hágata - E vale lembrar da Solange, né?! Tadinha, ela gritou no meio do auditório falando: “é cria nossa”, chorando junto. Foi muito bacana. E até hoje, ela gosta de me apresentar falando para as pessoas que estão pela escola, “essa aqui é a nova professora”, fazendo essa brincadeira. Então, todo mundo que me vê no CIEP fica muito alegre, fica comovido. Até porque muitas pessoas ali conhecem um pouco da minha história de vida e isso mexe com elas também.

Algumas crianças eu já conhecia e sei que muitas falam que querem estudar na Uerj. Acho que a minha fala foi mais uma motivação, de que aquelas crianças podem fazer uma graduação. A minha fala tem a ver com a implicação, como eu estar ali, implica na vida deles também.

Ana Luiza - Nesse primeiro dia da Hágata como bolsista, na oficina do jornal, lemos o livro Tosco. Ele conta a história de um menino que sofre violências domésticas, violências do sistema, que tem muitas dificuldades econômicas, passa muita coisa. As crianças, quando escutam e leem, se implicam com aquela trama. Elas começam a dividir as suas próprias histórias e veem na Hágata uma pessoa com quem elas têm liberdade de se abrir. Então, desde esse primeiro encontro, elas começam a contar histórias sobre coisas que elas estão sofrendo e passando. E eu acho que o principal das nossas oficinas, dos nossos encontros é isso, a possibilidade da gente estar junto, conversar e achar as brechas para a gente encontrar alegria, para tornar a vida é mais favorável para o presente.

Rosimeri - Tem algo que é muito próprio da Ofip, algo formalizado nesta entrevista, que é justamente encontrar e conversar. Simples! A gente se encontra e conversa para habitar o presente, para acompanhar processos e tornar esses processos visíveis. Uma tarefa conceitual, teórico e metodológica que coloca em análise permanente a nossa capacidade de lidar com a alteridade, com a diferença que circula na formação.

Ana Luiza – Falando nisso, eu não queria que a gente finalizasse a conversa sem falar do jornal, porque é uma oficina muito bacana e que se mantém no projeto atualmente. Ele surgiu com uma perspectiva de que a gente ia produzir um jornalzinho da escola, que tem o nome (sugerido e decidido coletivamente pelos estudantes) de *O tal do agora*⁹. Quando começamos a oficina do jornal a nossa ideia era produzir matérias e ainda continua sendo. Mas hoje, a gente tem muita clareza de que o jornal é um espaço de encontro. A gente abre a “sala da Uerj” após o horário das aulas e as crianças continuam na escola, por escolha delas. Nossa “salinha” é uma sala grande, como as salas do CIEP. Lá as crianças tem espaço para conversar, para namorar, para brincar, para zoar, depende de cada criança, de cada adolescente que vai com uma vontade diferente, que também pode se modificar lá naquele encontro. Então, uns gostam muito de desenhar e já chegam pedindo uma folha, outros são mais de escrever, então a gente pensa em matérias, em temas para escrever no jornal. Outros querem mais é mexer no computador, às vezes pela primeira vez. E assim a escrita acontece no ritmo dos encontros, bem como acontecia com a banda onde o objetivo não era uma apresentação, como o objetivo da horta não era colher os alimentos, o nosso objetivo no jornal também não é produzir os jornais.

Produzimos algumas edições que são completamente feitas pelos estudantes. Eles escrevem os textos, fazem os desenhos que ilustram as matérias, fazem a capa, a escolha dos temas acontece em coletivo e é isso. Vamos criando um espaço onde a gente se encontra para trocar. Às vezes a gente pode pegar um livro como foi o caso do Tosco para ler junto. Às vezes a gente pode ver um vídeo, jogar ou nada disso, a gente pode só ficar lá. Tem gente que pode ficar mexendo no celular, tem gente que bota uma música e assim a oficina acontece. Entendendo esse lugar como um espaço de encontro, onde acontece muita coisa além do jornal em si. Produzimos uma edição impressa no semestre passado, em 2022, com o tema da pandemia, com matérias reforçando a importância da vacina, do SUS, pensando nas políticas públicas, entrevistando o pessoal da escola. Também surgiu, dos estudantes do 9º ano, a produção de um jogo, o Jogo da Quarentena, um jogo de tabuleiro onde se pode cair na casinha da *fake news* (e se errar vai parar numa lagoa e virar jacaré), pode ir parar na quarentena. Esse ano, 2023, a primeira edição impressa traz o Engenho Pequeno, bairro da escola, como tema central. Fizemos várias entrevistas, conversamos sobre as coisas do bairro, visitamos a APA, a Área de Proteção Ambiental que faz margem com a escola, fizemos uma trilha, conversamos com o seu Sérgio - que toma conta da APA há muitos

9 Para mais detalhes ver @jornalotaldoagora no Instagram

anos e entende tudo das plantas e dos bichos. Assim vamos circulando nesse ambiente que a gente tá. Porque acho que a Ofip é muito isso, entrar no território que já está acontecendo.

Rosimeri - Fico sempre pensando no conceito de encontro e conversa. E o encontro é aquilo que a gente aborda pelo meio, né?! E exige da gente uma espera, e essa espera é sempre um espaço de perigo. Pode acontecer como pode não acontecer. Então, quando você usa o termo *expectativas frouxas* há sintonias, é um pouco isso, o encontro é aquilo que a gente aborda pelo meio, ele já iniciou. Mesmo que você esteja chegando naquele momento, ele já iniciou de alguma maneira. E a conversa é justamente inventar um problema. O que se quer é produzir problemas e aí, eles vão mostrar para gente caminhos que serão percorridos juntos. Porque até chegar “no produto final”, a edição (vamos brincar assim), muita coisa rolou naquele meio e exigiu da gente uma espera, uma espera atenta, presente, acompanhando os processos, fazendo-os ver e falar. Ganhando forma, forma de texto, forma de imagem, de desenho, de jogo, de oficina. Encontrar e conversar para a formação inventiva é simples, e nos exige estar ali e esperar.

Neste mundo tão acelerado e afoito, que tipo de dispositivo concreto cada um de nós tem para suportar essa espera? É uma função nossa instaurar dispositivos. Por isso leitura, estudo, escritas de coisas que a gente, habitualmente, não vê no campo da formação inicial de professores, para produzir coletivamente dispositivos com formação. Este é o grande movimento de uma formação inventiva de professores, equipar, se equipar de um ferramental conceitual teórico metodológico para ampliar esse encontro, ampliar essa conversa. Suportar a espera, suportar a espera é trabalhar na dimensão de alteridade, do encontro com outros. É disso que a formação inventiva trata o tempo inteiro, às vezes escutar mais e falar menos.

Eu estava aqui procurando um livro... Achei! Uma entrevista do Foucault, em que ele se identifica como um professor. Deixa eu ler um trecho para vocês:

Meu papel [...] é mostrar para as pessoas que elas são muito livres, muito mais livres do que elas pensam, que elas tomam por verdadeiros, por evidentes certos temas fabricados em um momento particular da história e que essa pretensa evidência pode ser criticada e destruída. O papel de um intelectual é mudar alguma coisa no pensamento das pessoas. (FOUCAULT, 2006, p. 295)

Vamos em composição, celebrando e forjando bons encontros e conversas para escapar de lógicas representacionais, poder inventar e afirmar diferença. Acho que é isso!

Para além da entrevista... à espera do exercício em igualdade

Portelli (1997) descreve que uma entrevista funciona como um “exercício em igualdade” no qual os sujeitos envolvidos, separados por classe, idade, gênero, educação ou poder, fazem um esforço para falar um com o outro como se todas essas desigualdades estivessem suspensas e eles pudessem conversar uns com os outros em um mundo utópico de igualdade e diferença. Pensamos que esta foi a nossa proposta aqui, ensaiar e experimentar um exercício de igualdade para poder explicitar o que temos feito na FFP com formação inventiva de professores e suas práticas micropolíticas no encontro com escolas para celebrar.

Próximo do que Portelli (1997) traz com a restituição, “recebemos tanto de pessoas e comunidades que não sentiremos o nosso trabalho concluído”. É assim que nos sentimos com a escrita deste artigo, mas é importante finalizá-lo afirmando que formação inventiva é algo que fazemos com outros inseridos em um contexto mais amplo de tessituras relacionais. O trabalho é composto nas relações entre estudos, amizades que duram a vida toda, conversas e confrontações com outros, são fins em si mesmo, que não abrimos mão, para seguir dizendo que o enlace, a abertura, a vibração são princípios, *ethos*, constituídos nos inícios da formação de professores que instauram problematizações entre vida e conhecimentos que nos atravessam em composições, encontros e conversas com tudo o que mais tarde nos ajudará a nos livrar das decepções, como sinalizou Char (1995), na epígrafe deste artigo.

REFERÊNCIAS

BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

CHAR, René. **O nu perdido e outros poemas**. São Paulo: Iluminuras, 1995.

DIAS, Rosimeri de Oliveira. **Deslocamentos na formação de professores: aprendizagem de adultos, experiência e políticas cognitivas**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011.

DIAS, Rosimeri de Oliveira. **Formação inventiva de professores**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2012.

DIAS, Rosimeri de Oliveira. Vida e Resistência: formar professores pode ser produção de subjetividade? **Revista Psicologia em Estudo**. v. 19, n. 3, p. 415-426, 2014. Disponível em <https://www.scielo.br/j/pe/a/pHqzmSS3Q3XPyrQDtDz77mk/abstract/?lang=pt> Acesso em 05 nov 2023.

GUATTARI, Félix. **Caosmose**: um novo paradigma estético. São Paulo: Editora 34, 2006.

FOUCAULT, Michel. Verdade, poder e si mesmo. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos V**: ética, sexualidade, política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 294-300.

KASTRUP, Virgínia. **A invenção de si e do mundo**: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição. São Paulo: Papyrus, 1999.

MELLO, Ana Luiza Gonçalves Dias, et al. Experiências com Arte Ambiente Alteridade no CIEP 411. In: DIAS, Rosimeri de Oliveira, RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. **Escritas de si**: Escutas, cartas e formação inventiva de professores entre universidade e escola básica. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2018.

MELLO, Ana Luiza Gonçalves Dias; DIAS, Rosimeri de Oliveira. Por uma formação inventiva antiespecista. **Revista Mnemosine**, v. 16, n. 1, pp. 208-231, 2020. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/mnemosine/article/view/52692> Acesso em 05 nov 2023.

MELLO, Ana Luiza Gonçalves Dias; DIAS, Rosimeri de Oliveira. Arte ambiente alteridade: formação inventiva entre universidade e escola básica. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 34, p. Publicado em 02/06/2022, 2 jun. 2022. Disponível em <https://periodicos.uff.br/fractal/article/view/6057> Acesso em 05 nov 2023.

PERELMUTTER, Daisy. **Sobre os restos**: metabolizando as excrescências. In: HERMETO, Miriam; SANTIAGO, Ricardo. *Entrevistas imprevistas*: surpresa e criatividade em história oral. São Paulo: Letra & Voz, 2022, pp. 145-152.

PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho**: algumas reflexões sobre a ética na história oral. Projeto História, São Paulo, v. 15, pp. 13-49, 1997.

PRADO, Ayama. **Devir oficina musical**: uma experiência de análise e de intervenção com o Ciep municipalizado 411. Rio de Janeiro: UERJ/FFP, 2015.

Submissão em: 05 nov. 2023.

Aceite em: 18 jul. 2023.

ⁱ Rosimeri de Oliveira Dias

Professora Associada do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação Processos Formativos e Desigualdades Sociais da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutora em Psicologia UFRJ. Coordenadora do Grupo de Pesquisas Oficinas de formação inventiva de professores – OFIP/CNPq. Editora da Revista Interinstitucional Artes de Educar. Vice-Coordenadora do FEPAE/ANPED.

E-mail: rosimeri.oliveira.dias@uerj.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9250-1010>

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4701136188544538>

ⁱⁱ Ana Luiza Gonçalves Dias Mello

Professora de Ciências nas Redes Municipais de Educação de São Gonçalo e Saquarema. Professora Adjunta da Universidade de Vassouras. Veterinária, Pedagoga e Licenciada em Ciências Biológicas. Doutora em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva (UFF). Doutoranda em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação Processos Formativos e Desigualdades Sociais (UERJ). Integrante do Grupo de Pesquisas Oficinas de Formação Inventiva de Professores – OFIP/CNPq. Editora executiva da Revista Interinstitucional Artes de Educar.

E-mail: analuiza_uff@yahoo.com.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5207-3696>

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6478220006506828>

ⁱⁱⁱ Ayama Vera Araujo Prado

Agente de inclusão educacional - Prefeitura de Maricá. Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Processos Formativos e Desigualdades Sociais (UERJ). Integrante do Grupo de Pesquisa Oficinas de Formação Inventiva de Professores - OFIP/CNPq

E-mail: ayamaprado@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4513-2854>

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2704945959119294>

^{iv} Hágata Cristina Paes Rosa

Graduanda de Pedagogia da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bolsista de Iniciação Científica/UERJ. Integrante do Grupo de Pesquisa Oficinas de Formação Inventiva de Professores - OFIP/CNPq.

E-mail: paeshagata@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-6418-3436>